

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Precos da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	27.º Anno — XXVII Volume — N.º 904	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39
Portugal (franco de porte, (m. forte)	3\$800	1\$900	5950	4120	10 DE FEVEREIRO DE 1904	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



ARCEBISPO DE MITYLENE, D. JOSÉ ALVES DE MATTOS
(Photographia do sr. Bobone)

a quem theatros, bailes, concertos, não são vedados e as festas constituem a melhor distracção. As casas de espectaculos todas prepararam repertorios para enchentes n'estes dias de carnaval, e, além de bailes que se annunciam esplendidos, muitas familias da primeira sociedade de Lisboa participam ficar as noites de carnaval em casa, recebendo mascaras.

O inverno não tem corrido mal de todo para a sociedade que se diverte e que é, muita vez, a mesma que se aborrece. Toda a medalha tem um reverso, toda a rosa seus espinhos. Agora a medalha está do lado bom, a rosa ostenta-se magnifica na lapella dos marcadores de coçillions. Chega ás vezes a ser uma por muitos invejavel posição social isto de saber, n'uma contradaça, inventar uma figura nova ou demonstrar um bocadinho de fantasia para mais uma volta de valsa.

Lisboa movimentou-se agora e veio trazer-lhe maior motivo para animação a entrada no Tejo do navio-escola, *Benjamin Constant*, cuja officialidade tem mostrado como bem é cabida a fama da amabilidade brasileira.

As duas horas e meia de segunda-feira realisou-se a visita de suas magestades ao cruzador. No dia seguinte, a convite dos officiaes, foram a bordo os alumnos da Escola Naval, a quem foi offerecida uma *matinée*. Outra deve ser hoje dedicada ás senhoras portuguezas. O jantar que o sr. ministro offerece ao commandante brasileiro deve realisar-se na proxima sexta-feira, provavelmente n'uma das salas do ministerio dos negocios estrangeiros.



DRS. AUGUSTO DE CASTRO E JOÃO LUCIO

Já começaram. Já houve quem uma inteira noite passeasse melancolico, ao som da musica estonteadora d'uma valsa, á procura da aventura que não chega, do dito gracioso que nunca se archiva. Então, ao ver-se novamente na rua, caminho de casa, diria: — Bem empregados cinco tostões, para ter a ventura de sahir!

Diz-se que o carnaval d'este anno será superior ao do passado, com mais e melhores mascaradas. Assim seja, e para sempre fallecessem as porcarias e brutalidades com que por ahí em outros annos nos mimosearam.

Os estudantes do Instituto Industrial fizeram n'este estabelecimento a sua festa, não lhes tendo sido permittida a sahida para a rua por motivo do grande movimento de carros que ha sempre no largo do Conde Barão. Pois foi pena, porque ninguém melhor que a mocidade sabe dar vida a toda a qualidade de divertimento.

Estamos na melhor epoca do anno para aquelles

Entre as festas que ultimamente trouxeram alegria a Lisboa, devemos mencionar a sessão solemne da Sociedade Almeida Garrett, commemorando o anniversario da sua fundação. Discursos e poesias de gente nova vieram demonstrar-nos a existencia no coração da mocidade do mesmo culto pelo grande poeta portuguez que, pelos seus contemporaneos a geração que lhes succedeu, foi considerado de todos o maior desde Camões. Oraram os srs. Augusto de Castro, João Lucio e Leopoldo Saraiva; escreveram versos em homenagem a Garrett os srs Henrique de Mendonça e Fausto Guedes Teixeira.

O mau tempo é que muito tem prejudicado as festas realisadas e, se não se decidir a deixar-nos, muito mal fará ao commercio durante os dias de carnaval.

CHRONICA OCCIDENTAL

Já por ahí, á noite, se encontram calcurreando a lama, algum pierrot a tremer de frio dentro das pantalonas largas, e uma ou outra vivandeira ou pastorinha que vae ao baile largar algum dito mais grosso a ver se apanha uma metade de meio bife. Ha tempos n'uma taberna de S. Paulo lia-se o seguinte letreiro:

VINHOS DE PASTO

DITOS FINOS PARA SOBREMESA

Se o homem os vendesse tambem para bailes de mascaras, era capaz de enriquecer.



DR. LEOPOLDO SARAIVA

O Tejo tem enchido consideravelmente e estão já inundados os campos marginaes com gravissimo damno dos agricultores. A cheia que os ameaça será pelo menos igual á ultima que tantos prejuizos lhes trouxe. Ha sementeiras completamente perdidas e todos os dias telegrammas de todo o paiz veem contando novas desgraças.

O mar tambem se tem mostrado furioso e, apesar do passeio não ser muito convidativo debaixo das cargas d'agua, aos domingos ha sempre curiosos que vão assistir ao espectáculo sublime do temporal na Bocea do Inferno.

Os trabalhos de campo todos paralyzados augmentam a miseria dos pobres, que, dias e dias, não ganham um boeadinho de pão.

Por mais bello e imponente que seja ver os extensos campos do Ribatejo cobertos d'agua, confrange os corações a lembrança de tanta desventura a que as cheias arrastam os pobres lavradores e, ainda mais infelizes do que elles, os que só teem seu ganha pão no trabalho da enxada.

Os elementos teem-se mostrado em guerra conosco. Não bastavam os prejuizos da agua, vieram os do fogo. Um d'estes dias um violentissimo incendio destruiu na Outra Banda uma das principaes fabricas de rolhas, reduzindo tudo completamente a cinzas.

É negra a palavra fome; mas nem só de fome havemos de falar. Outra praga ameaça o mundo e das peores. Conforme as ultimas noticias, poucas esperanças ha de evitar se a guerra entre a Russia e o Japão.

Passar-se-ha lá muito longe de nós, mas ninguem por ora sabe dizer que complicações trará á paz na Europa. Os mais pessimistas chegam a temer uma conflagração geral.

Um telegramma de S. Petersburgo, publicado em Lisboa pelos jornaes do dia 8, dava conta da seguinte circular dirigida a todos os representantes da Russia no estrangeiro: «Por ordem do seu governo o ministro do Japão dirigiu á côrte imperial uma nota, levando ao conhecimento do governo imperial a decisão tomada pelo Japão de cessar as negociações com a Russia e retirar de S. Petersburgo o ministro plenipotenciario e todo o pessoal da legação japoneza. Em presença d'esta declaração, o tzar houve por bem ordenar que o ministro da Russia em Tokio e todo o pessoal da missão imperial deixem immediatamente a capital do Japão. Semelhante modo de proceder da parte do governo de Tokio, que nem mesmo esperou a chegada da resposta do governo imperial enviada estes dias, faz recahir sobre o Japão toda a responsabilidade das consequencias que possam resultar do rompimento das relações diplomaticas entre os dois imperios.»

O ministro dos negocios estrangeiros, Conde de Lamsdorf consta que disséra a um amigo: — «O tzar trabalhou pela paz; mas como o prestigio da Russia estava em jogo, decidiu-se pela guerra.»

O governo japonês defende a decisão tomada dizendo que em 13 de janeiro pedira á Russia resposta urgente e só déra por findas as negociações, caçado de esperar e em vista dos preparativos de guerra que a Russia andava fazendo.

O *Temps* afirma que o Japão precipitou o rompimento exactamente para não receber a nota.

A imprensa franceza mostra as suas sympathias pela Russia, sendo entusiastico o artigo com que a *Patrie* sauda o exercito da nação alliada.

Menos evidente é a sympathia dos allemães pelos seus vizinhos, ou, pelo menos, revela-se com menos entusiasmo.

A maioria dos jornaes em Inglaterra mostra-se favoravel aos japonezes, dizendo o *Times* na sua ultima edição não haver duvida que o povo inglez está ao lado do seu alliado, e que, para garantir esta posição, a Inglaterra não hesitará, como disse o presidente do conselho, em tomar as medidas que lhe são impostas pelo tratado com o Japão.

Um almirante russo é de opinião que a armada russa fará face á armada japoneza e que na lucta em terra os japonezes serão immediatamente vencidos. A opinião dos japonezes parece ser outra. O governo comprou agora dois cruzadores de primeira classe á Republica Argentina e outros vasos de guerra de menos importancia estão ainda em construcção nos estaleiros de Orlando. O imperador já convocou as reservas.

Diz-se que o ministro dos estrangeiros na republica franceza, Delcassé, vae fazer, em nome da França, uma tentativa de conciliação entre o Japão e a Russia. Para isso está de accordo com a Inglaterra.

Telegrammas posteriores aos mais terroristas afirmam que entre os governos russo e japonês já se trocaram telegrammas conciliadores. Entretanto ha quem espere para muito breve a noticia de encontro entre as armadas inimigas.

Se as nações alliadas tomarem parte no conflicto a guerra será pouco menos do que geral. Por isso a França e a Inglaterra tentam um ultimo esforço para a manutenção da paz.

Ao lado de taes noticias, o que nos vae cá por casa empallidece, que mal se lhe pode dar a importancia que n'outros tempos merecia e ha de merecer quando tudo voltar nos mares orientaes ao doce socego.

Quer se trate dos comicios contra a nova circumvallação, quer se descreva a viagem do sr. João Franco pelo paiz, quer se discutam os boatos de crise que teem corrido, a alliança franco-russa, o artigo 3.º do tratado anglo-japonês de 30 de janeiro de 1902, isso é que hoje absorve as atenções da maior parte da gente e põe em segundo lugar, por horas, a justiça de queixosos, a despedida do sr. João Franco aos seus partidarios de Faro e o caso grave de quem será o presidente do conselho do ministerio progressista, se o sr. conselheiro José Luciano não aceitar o cargo.

Descança ás vezes a politica chamada caseira. Todos dispensariam de bom grado os motivos por que hoje descançou.

João da Camara.

GARRETT (*)

Como tombam ao vento as folhas rumorosas,
Como as vagas do mar vão passando e morrendo,
Assim para Garrett as almas sequiosas
Se abriam soluçando, e em soluços ardendo...
Um gesto esculpural do seu busto gracil
As almas inundava, e inundava de abril
Seu grande coração p'ra tanto amor estreito!

Garrett! Ah! Quem me dera
Ter como tu na alma eterna a primavera,
E a primavera ideal que havia no teu peito!

Nos seus versos de fogo, estranhos e dementes,
Versos em que a tristeza idealisava a dor,
Ao rythmo feminil dos seus compassos quentes
Voavam o desejo, a saudade, e o amor...
Cada verso que abria alteava um coração,
E espalhava-se, e ardia, uma divina uncção,
Feita de azul, peccado, amargo, sonho e aneio!

Garrett! Ah! Quem me dera
Ter como tu na alma eterna a primavera,
E a ancía espiritual que havia no teu seio!

Ao luxo multicolor de um malleavel collete
Elle sabia atar a graça delicada
Que é o perfume na flôr, e que accende e reflecte
No grave de um semblante o rir de uma alvorada!
Um riso denuncia ás vezes uma alma...
Elle possuia a graça, a ironia, a calma,
E o ardor de uma ancía insaciavel e terna!

Garrett! Ah! Quem me dera
Ter como tu na alma eterna a primavera,
E como tu na alma a mocidade eterna!

Lisboa, 4 de Fevereiro de 1904.

Henrique de Mendonça.

O amor portuguez não foi ainda
Por poeta algum marcado, como elle é
N'aquella doce Joanninha linda,
De que nos falla o lyrico Garrett.

(*) Estas poesias foram recitadas na sessão solemne da Sociedade Almeida Garrett, commemorativa do 105.º anniversario do nascimento do poeta.

Para os que têm irmãs, a irmã amada,
Beijo p'ra o labio que o seu nome roça,
É, em annos infantis, a namorada
Do coração de toda a gente môça.

Quem não viu na vida a sombra d'ella,
N'uma hora triste, deslizar tambem,
Atravez da romantica janella,
Que tenha no seu vall' de Santarem?!...

O que passa, porém, p'ra além da vida,
Em tudo a que a nossa alma ainda se entrega,
É essa grande lagrima perdida,
Que Joanna chorou e viu a cega!

Patrimonio bemdito! Hostia sagrada!
Gotta d'agua, que é o mar pelo rugido,
Essa lagrima immensa é commungada
Por todos que na terra tem soffrido.

Guedes Teixeira.

AS NOSSAS GRAVURAS

D. JOSÉ ALVES DE MATTOS ARCEBISPO DE MITYLENE

Ainda resoa a festa da sagração do sr. arcebispo de Mitylene, na igreja do Seminario de Santarem, festa de si sumptuosa pelo ritual lithurgico, e mais ainda pelas sympathias accumuladas no novo prelado, graças a seus altos merecimentos.

O novo arcebispo de Mitylene sr. D. José Alves de Mattos, nasceu em Conqueiros, freguezia do Souto da Carpalhosa, concelho de Leiria, no dia 6 de março de 1855.

Principiando seus estudos no seminario da diocese de Leiria foi concluil-os na Universidade de Coimbra, formando-se em theologia, em 28 de junho de 1884.

D'esta sciencia e de philosophia foi depois professor no seminario de Lamego, e de Geographia e Historia no collegio Rozeira de 1884 a 1886.

Por decreto de 8 de setembro de 1892, foi nomeado desembargador da Relação e Curia Patriarchal, e em 22 de maio de 1895 nomeado conego da Sé de Lisboa, sendo elevado á dignidade de thesoureiro da mesma Sé por decreto de 4 de outubro de 1899.

São prova de alta competencia e vasta illutração de seu espirito os cargos desempenhados pelo sr. D. José Alves de Mattos, mas se estes predicados o indigitavam para a alta dignidade em que foi investido, não menos suas virtudes se impõe ao respeito e admiração de todos, como attributo essencial n'um Prelado da Igreja.

Nomeado, em junho de 1903, Arcebispo de Mitylene, foi sagrado em 8 de novembro, na igreja do Seminario de Santarem por Sua Eminencia o Patriarcha de Lisboa D. José I.

O «BENJAMIM CONSTANT»

No dia dia 24 de janeiro findo entrou no Tejo o *Benjamim Constant*, navio-escola da marinha de guerra brazileira, sendo seu commandante o capitão de mar e guerra sr. Alencastro Graça, antigo professor de direito internacional e dos mais distinctos officiaes, que muito honram a marinha dos Estados Unidos do Brazil.

O *Benjamim Constant* foi construido nos estaleiros das *Forges et Chantiers*, e ultimamente soffreu importantes reparações no Rio de Janeiro. E' de 2:750 toneladas e traz a tripulação de 380 homens. O seu armamento consta de 4 peças de tiro rapido, de 0,14; 8 de 0,10; 2 de 0,065; 8 metralhadoras e 4 tubos lança-torpedos.

O *Benjamim Constant* sahio do Rio de Janeiro em viagem de instrucção de guardas-marinhas, visitando varios portos e veio a Lisboa agradecer a visita que o cruzador portuguez *D. Carlos* fez á capital federal por occasião do Dr. Rodrigues Alveu tomar posse da presidencia da Republica, para que fóra eleito.

A visita do *Benjamim Constant* tem dado lugar ás maiores demonstrações de cordealidade entre as duas nações irmãs, tendo-se realizado festas e banquetes em honra do seu commandante e officialidade, tanto por parte do sr. ministro do Brazil n'esta côrte, como por parte do governo portuguez e officialidade da nossa armada.

Exposição de quadros de Teixeira Bastos

Tivemos o prazer de, no dia 5 do corrente, assistir a abertura de uma exposição de quadros do sr. Teixeira Bastos, em uma das galerias da Academia Real de Bellas Artes, e que SS. MM. El-rei D. Carlos e Rainha Senhora D. Amélia se dignaram honrar com a sua presença, mostrando assim quanto lhes interessa estas manifestações de vida e progresso da arte portugueza.



TEIXEIRA BASTOS

Não é o sr. Teixeira Bastos precisamente um novo; obras suas figuraram já nas exposições do *Grupo do Leão* e do *Gremio Artístico*, mas por motivos que não vem para o caso, deixou há annos de expôr, apparecendo agora em publico com uma valiosa collecção de quadros, que bem mostra, não ter descurado a arte, nem perdido o tempo.

De facto o sr. Teixeira Bastos, professor na escola Rodrigues Sampaio, aproveitando as horas que os seus cargos officiaes lhe deixam, porventura, livres, foi cultivando com amor a pintura e apresenta n'esta exposição quarenta e sete quadros produzidos nos ultimos annos, incluindo alguns já vendidos, mas que ali reuniu, para mostrar os progressos que tem feito.

Assim se pôde avaliar melhor a evolução do artista e julgar de seus merecimentos.



CHEIRAR



GOSTAR



APALPAR

A figura e a paizagem são os dois generos a que dedicou seus estudos, e, diga-se, com vantagem.

Os Cinco sentidos, assumpto de cinco grandes télas que apresenta são apreciaveis, e bem assim algumas cabeças de estudo como *Cabeça de rapariga*, *Asylado*, *Oração*.



CANTO DO RATO (BESTEIROS)

Não são menos apreciaveis os quadrinhos *Contamissadora* e *Hora de descanso*.

Na paizagem os quadros que mais nos prenderam a attenção foram, *Castanheiros*, *Covão*, *Canto do Rato (Besteiros)*, *Velho Castanheiro*.

Eurico o Presbytero é o assumpto de um quadro cheio de sentimento, inspirado no romance de Alexandre Herculano, correspondendo ao texto:

.....
 «n'estes largos passeios da tarde viam-no chegar ás raizes do Calpe, trepar aos precipicios, sumir-se entre os rochedos e apparecer por fim lá ao longe, immovel sobre algum pincaro requeimado pelos soes do estio e poído pelas tempestades do inverno.»

E aqui está como um artista, que parecia divorciado da arte, ou desalentado, tal era a sua ausência nas exposições d'estes ultimos annos, surge agora com tão variada e valiosa collecção de quadros, a despertar interesse pela sua obra e a afirmar notavel progresso nos recursos da sua palheta.

A exposição tem sido visitada pela melhor sociedade que tem apreciado devidamente os trabalhos expostos e adquirido um bom numero de quadros.

Felecitamos o sr. Teixeira Bastos pela sua bella exposição e que ella seja insentivo para novos progressos.



EURICO O PRESBYTERO



VELHO CASTANHEIRO



VER



OUVIR



COVÃO (VALLES)

C. A.

PRINCEZA MATHILDE

I

Em 1888, foi em julho, encontrei nas margens do lago d'Enghien a princeza Mathilde. Usava ainda os cabellos em *bandeaux à la vierge*, como no tempo em que impunha a moda nas Tulherias a imperatriz Eugénia; já não era, porém, aquelle modelo de perfeição, que Mery, velho romantico, descrevera a Goncourt, um rapaz, em a noite de 18 de março de 1864, em que ambos tinham jantado em casa da princeza.

«Formosura peregrina — dissera elle — ingenua, aos 14 annos, quando a vi pela vez primeira em Florença, a cavallo, trajando de amazona».

N'aquelle julho de 1888, a princeza era ainda de nobre presença, mas bem differente da creança feliz e descuidada, a quem o poeta beijára a mão em 1834. Depois de então, haviam decorrido tantos annos e taes acontecimentos, que elles tinham deixado indelevel vestigio na figura da inolvidavel senhora.

Mas, quem é a princeza Mathilde?

Eu digo a V. Ex.ª :

II

Mathilde Laetitia-Wilhelmine, filha de Jeronymo Bonaparte e de Catharina de Wurtemberg, era, por seus ascendentes, proxima parenta de todas as casas reinantes da Europa.

Se de sua mãe podemos trazer aqui e parecer honroso de Napoleão, quando em Santa Helena, ¹ de seu pae fala com admiração, a historia do ultimo seculo.

Em 1806, official da marinha franceza, já era homem experimentado em quatro differentes expedições. ² Na ultima, commandava o *Veterano*, de sessenta peças de artilheria; e, debaixo de temporal desfeito, entrou com seu grande navio de guerra no pequenino porto de Concarneau, forçando d'est'arte o bloqueio da esquadra ingleza, que tamanhos esforços empregára para impedir seu regresso á França. Aventura de tão perigosa audacia, nunca mais repetida, foi o prologo das acções brilhantes que o assignalaram em todas as batalhas do primeiro imperio.

Em 1807, na campanha da Russia, teve o governo superior do rpo de exercito, que fez a notavel guerra da Silesia. Então, de 23 annos, ganhou cidades fortificadas e uma batalha.

Colocado no throno da Westphalia ³ (3 de dezembro de 1807), pelo imperador, que para seu irmão formara um reino com a Hesse, o Brunswich e o Hanover, vêmol-o em 1812, no grão-ducado de Varsovia, á frente das tropas belligerantes, que deviam manobrar contra Bagration. Commandava a ala direita, isto é, sessenta mil homens.

N'este anno, dizem que o imperador pensára no restabelecimento da Polonia, e em dar a corôa da futura monarchia ao rei Jeronymo; ⁴ é certo que, depois de 1814, nem guardou a Westphalia, abysmada nos destroços do imperio.

Em 1815 succedeu a grande batalha de Waterloo. Lá esteve o mais moço dos Bonapartes. Tinha 31 annos e commandava a divisão que, nos *Quatro-Braços*, conquistou o bosque de Bossu (16 de junho). Ahi o apalparam duas balas; per-

deu 3:000 homens, dois generaes de brigada, tres coroneis. Não obstante, no dia 18 ainda fazia frente ao castello de Hugomont, ⁵ fortificado pelos inglezes; ao termo, porém, d'aquelle terceiro acto do ingente drama, já nenhuma esperança assistia ás aguias francezas. Então o imperador, surpreendido pela sobrehumana coragem de seu irmão, confiou-lhe o espinhoso dever de juntar os restos destroçados do grande exercito.

Os dois heroes nunca mais se tornaram a ver.

O tratado de Fontainebleau (de 18 de abril de 1814) havia dispersado pela Europa os irmãos do Cesar moderno. José Bonaparte fôra residir na Suissa, no castello de Prangins; Jeronymo em Trieste; Luiz em Florença; Luciano em Roma. Sua mãe, Laetitia Ramolino, escondia-se na cidade eterna, num palacio da praça de Veneza.



PRINCEZA MATHILDE

Em 1831, Jeronymo Bonaparte deixou Trieste e foi residir em Florença. Acompanhava-o sua filha, a princeza Mathilde, então de 11 annos.

Falemos d'esta cidade :

III

E' de aspecto severo. Embora o sol inunde de luz seu *Palazzo Vecchio*, a praça da *Senhoria*, a casa cidadella dos Strozzi ou a dos Ricciardi, — afigura-se a quem a visita que a conspiração scisma em todos os cantos. Suas pinturas muraes, a fresco, parece que esperam algum acontecimento; o drama espregueira pelas viellas esconsas, detraz das columnas severas, nos atrios dos graniticos palacios. As proprias solemnes lanternas dos patamares, suspensas em correntes de ferro, desconfião do forasteiro. No rude Barghello, os escudos de pedra aguardam algum mysterio. João das Bandas Negras, de mão no quadril, a cabeça voltada, aguarda tambem. A cidade conspira; contra quem? Ignora-se, mas a população é calada e triste. A cada passo topa-se com um monumento

que faz historia. Vêde a casa onde residiu Pedro Bonaparte; ali está a do Dante, ⁶ que metteu amigos e inimigos no inferno; agora a de Machiavel, ⁷ que preconizou o assassinio politico; mais longe a Villa Palmieri, onde moços e moças contavam as historias do *Decameron*, enquanto a peste dizimava a população.

A propria arte em Florença é tragica. Na *Loggia dei Lanzi*, o Perseo de Benevenuto Cellini, em plena praça publica, de bronze negro, ergue o braço, suspendendo pelos cabellos a cabeça cortada de Medusa, de onde mana o sangue.

Os palacios são escuros, e até o passeio dos Cascines, sem concorrência, é melancolico. N'aquelle ermo, qualquer *mail-coache* conquista a admiração; um americano sorumbatico, guiando oito parelhas de cavallos, constitue um acontecimento.

— Porque é triste aquelle homem?

— Morreu-lhe o filho.

De noite escutam-se vozes arrastadas pelas margens do Arno. Cantores mercenarios entoam coplas de amor, desferindo as mandolinas. As janellas abrem-se a medo. Alguem apregôa:— Tripa, tripa! — á porta de Machiavel!

Ha em tudo um contraste sombrio. No começo da primavera, em todas as tardes, as trovoadas repetem-se; o céu mostra-se franjado de negro e rubro.

Artistas e poetas dizem que Florença é a cidade feliz, unica, onde a esperança sorri ao forasteiro e ao exilado; onde as recordações fazem esquecer desgosto e pezares. Pouco valem taes dizeres: de poetas são, cujos instantes se evolvam breves, ou n'um baile illuminado pelo sorriso das mulheres, ou n'um templo escutando as confidencias da historia. A cidade continua triste; lembra um velho solarengo, sentado á porta do seu palacio monumental, de que já não irrompem troços de cavalleiros, nem castellãs acompanhadas de donzeis, donzellas e donas.

Quando os sinos da Campanilla (Santa Maria das Flores) do bram, e as solemidades religiosas se succedem; quando alguma commemoração feliz das ultimas guerras advem; nem os burguezes com seus fatos domingueiros, nem as mulheres vestidas consoante a moda de Paris, nem os moços de trajas bem diversos, na fórma e na cor, dos vistosos da Renascença, estão no seu lugar. A penna esticada do ponteagudo barrete medieval, ou a fluctuante do chapéu desabado do seculo xvi, a jaqueta golpeada, as pantalonas vestindo estreitas as pernas esculpturaes, enrijadas nos exercicios de destreza e força, as carnaduras córadas, o camisote rubro disfarçando as cotas de malha, — é tudo isto, bem como as

armaduras damasquinadas, as justas e festas, as intrigas e discussões, os conclaves de pintores, banquetes em mesas adornadas de vasos antigos, embaixadores da Sé romana ou do turco, poetas historiadores e philologos, Boccaccio contando, Guicciardini escrevendo, o papa tropejando, os Medicis, magnificos, sempre no poder, ao fundo do quadro o imperador, no primeiro plano Leonardo de Vinci e Miguel Angelo, Savonarola na fogueira, em todos a fé ardente e a summa vitalidade no bem e no mal, — isto, como que num gigante hyppodromo, onde são espectadores os monumentos, e justadores os ambiciosos de genio: — é tudo isto o que foi e devia ser Florença, para ter a physionomia que lhe dariam as figuras adequadas á sua moldura de recordações.

Sem o que, a cidade mesta é como que deserto campo de batalha, onde agora um professor de dança dirige quadrilha polyglotta. No começo do outomno, inglezes, russos, americanos, estrangeiros de todas as procedencias, aventureiros de todas as feições, mulheres em cata de aventuras, decadentes do poder, descamisados da politica,

¹ O procedimento de Catharina de Wurtemberg para com seu marido e a França, feito ruinas o imperio de Napoleão, mereceu do imperador, em Santa Helena, as solemnes palavras, que se lêem no seu Memorial: — «Por sua bella conducta em 1815, esta princeza inscreveu, pelas proprias mãos, seu nome na historia».

² 1.ª— Expedição de Ganteaume no Mediterraneo, 1800-1801; 2.ª— De S. Domingos, 1801-1802; 3.ª— A de Ager, 1805; 4.ª— De Willaumez no Oceano, 1805-1806.

³ Reino reconhecido pelo artigo 19.º do tratado de Tilsitt.

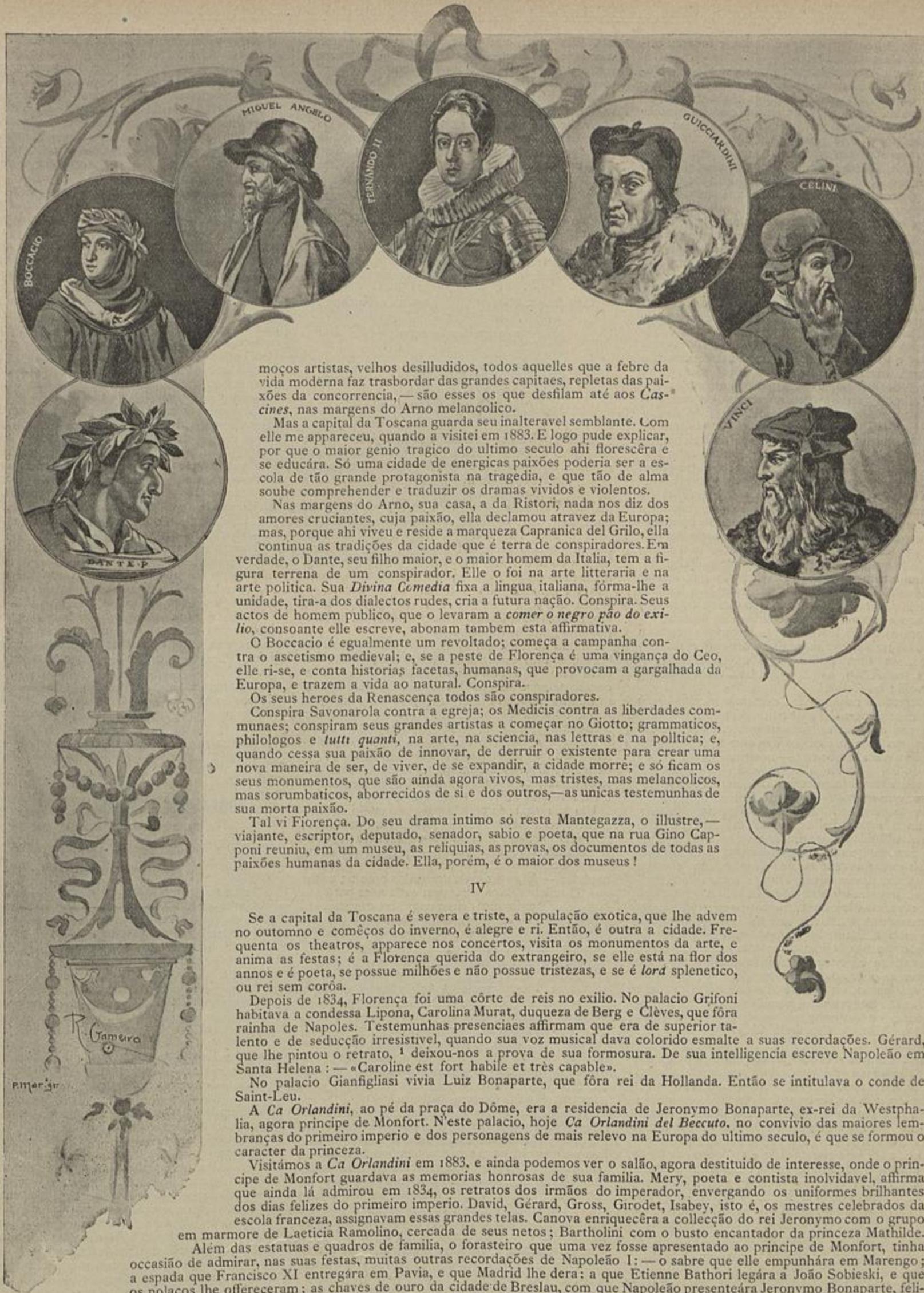
⁴ Em Abril de 1812 escrevia o príncipe Eugénio a sua mulher, a princeza Augusta:— Não te falo dos boatos de Paris, onde innumerables correm sem cessar. Por exemplo, afirma-se que o rei da Westphalia poderia muito bem ser nomeado rei da Polonia, etc.

Albert Peitzler—Le prince Eugène, pag. 17

⁵ Estivemos no campo de Waterloo. Lá se vê ainda, testemunha da grande batalha, a grarja de Hugomont, crivada de balas, imponente, pela sua carcaça avariada.

⁶ Via Ricciardi, n.º 732.

A casa de Machiavel fica na rua di Guicciardini, 454.



moços artistas, velhos desiludidos, todos aquelles que a febre da vida moderna faz trasbordar das grandes capitães, repletas das paixões da concorrência,— são esses os que desfilam até aos *Cascines*, nas margens do Arno melancólico.

Mas a capital da Toscana guarda seu inalteravel semblante. Com elle me appareceu, quando a visitei em 1883. E logo pude explicar, por que o maior genio tragico do ultimo seculo ahi florescêra e se educára. Só uma cidade de energicas paixões poderia ser a escola de tão grande protagonista na tragedia, e que tão de alma soube comprehender e traduzir os dramas vividos e violentos.

Nas margens do Arno, sua casa, a da Ristori, nada nos diz dos amores cruciantes, cuja paixão, ella declamou atravez da Europa; mas, porque ahi viveu e reside a marquezia Capranica del Grilo, ella continua as tradições da cidade que é terra de conspiradores. Em verdade, o Dante, seu filho maior, e o maior homem da Italia, tem a figura terrena de um conspirador. Elle o foi na arte litteraria e na arte politica. Sua *Divina Comedia* fixa a lingua italiana, fôrma-lhe a unidade, tira-a dos dialectos rudes, cria a futura nação. Conspira. Seus actos de homem publico, que o levaram a *comer o negro pão do exilio*, consoante elle escreve, abonam tambem esta affirmativa.

O Boccaccio é igualmente um revoltado; começa a campanha contra o ascetismo medieval; e, se a peste de Florença é uma vingança do Ceo, elle ri-se, e conta historias facetas, humanas, que provocam a gargalhada da Europa, e trazem a vida ao natural. Conspira.

Os seus heroes da Renascença todos são conspiradores.

Conspira Savonarola contra a igreja; os Medicis contra as liberdades communaes; conspiram seus grandes artistas a começar no Giotto; grammaticos, philologos e *tutti quanti*, na arte, na sciencia, nas lettras e na politica; e, quando cessa sua paixão de innovar, de derruir o existente para crear uma nova maneira de ser, de viver, de se expandir, a cidade morre; e só ficam os seus monumentos, que são ainda agora vivos, mas tristes, mas melancolicos, mas sorumbaticos, aborrecidos de si e dos outros,—as unicas testemunhas de sua morta paixão.

Tal vi Florença. Do seu drama intimo só resta Mantegazza, o illustre,—viajante, escriptor, deputado, senador, sabio e poeta, que na rua Gino Capponi reuniu, em um museu, as reliquias, as provas, os documentos de todas as paixões humanas da cidade. Ella, porém, é o maior dos museus!

IV

Se a capital da Toscana é severa e triste, a população exotica, que lhe advem no outomno e comêços do inverno, é alegre e ri. Então, é outra a cidade. Frequenta os theatros, apparece nos concertos, visita os monumentos da arte, e anima as festas; é a Florença querida do estrangeiro, se elle está na flor dos annos e é poeta, se possui milhões e não possui tristezas, e se é *lord splenetic*, ou rei sem corôa.

Depois de 1834, Florença foi uma côrte de reis no exilio. No palacio Grifoni habitava a condessa Lipona, Carolina Murat, duqueza de Berg e Clèves, que fôra rainha de Napoës. Testemunhas presencias affirmam que era de superior talento e de seducção irresistivel, quando sua voz musical dava colorido esmalte a suas recordações. Gérard, que lhe pintou o retrato, ¹ deixou-nos a prova de sua formosura. De sua intelligencia escreve Napoleão em Santa Helena: — «Caroline est fort habile et très capable».

No palacio Gianfigliasi vivia Luiz Bonaparte, que fôra rei da Hollanda. Então se intitulava o conde de Saint-Leu.

A *Ca Orlandini*, ao pé da praça do Dôme, era a residencia de Jeronymo Bonaparte, ex-rei da Westphalia, agora principe de Monfort. Neste palacio, hoje *Ca Orlandini del Beccuto*, no convivio das maiores lembranças do primeiro imperio e dos personagens de mais relevo na Europa do ultimo seculo, é que se formou o caracter da princeza.

Visitámos a *Ca Orlandini* em 1883, e ainda podemos ver o salão, agora destituído de interesse, onde o principe de Monfort guardava as memorias honrosas de sua familia. Mery, poeta e contista inolvidavel, afirma que ainda lá admirou em 1834, os retratos dos irmãos do imperador, envergando os uniformes brilhantes dos dias felizes do primeiro imperio. David, Gérard, Gross, Girodet, Isabey, isto é, os mestres celebrados da escola franceza, assignavam essas grandes telas. Canova enriquecêra a collecção do rei Jeronymo com o grupo em marmore de Laetia Ramolino, cercada de seus netos; Bartholini com o busto encantador da princeza Mathilde.

Além das estatuas e quadros de familia, o forasteiro que uma vez fosse apresentado ao principe de Monfort, tinha occasião de admirar, nas suas festas, muitas outras recordações de Napoleão I: — o sabre que elle empunhára em Marengo; a espada que Francisco XI entregára em Pavia, e que Madrid lhe dera: a que Etienne Bathori legára a João Sobieski, e que os polacos lhe offereceram; as chaves de ouro da cidade de Breslau, com que Napoleão presenteara Jeronymo Bonaparte, felicitando-o pela conquista d'aquella cidade; a caixa de rapé de Luiz XVIII, que o imperador encontrára nas Tulherias ao regressar da ilha d'Elba; e, finalmente, a que elle tinha na mão, quando a morte o surpreheu, com os olhos postos no retrato de

(¹) O retrato de Carolina Bonaparte pertence h-je ao principe Murat. Gérard apresenta a formosa senhora, tendo à mão direita seu filho mais velho, Napoleão Archilles, afilhado do primeiro consul e de Hortensia Beauarnais. Ao lado esquerdo, e cbandando de perfil, fica Laetia-Josephina,—os amores de seu pae. As ternissimas cartas de Murat a esta sua filha foram publicadas por Guido Bingl. Casou com o marquez Pepoli de Bologna. Aos pés de Carolina, risonho, vestido de veludo vermelho, está Napoleão Luciano Carlos cujos netos representam hoje o nome illustre de Murat. No fundo do quadro, avançando com um ramo de flores, vê-se Luiza Julia Carolina, que será mais tarde a condessa Rasponi.

O primeiro filho da princeza Carolina, Napoleão Achilles, naturalizou-se cidadão americano, e em prova de sua intelligencia, deixou diferentes livros scientificos de subido valor.

seu filho, que nascêra rei de Roma, e morreu duque de Reichstadt!¹

Ao par d'estas recordações, vira a princeza Mathilde, aos 15 annos, desfilar em sua casa todos os proscriptos:— os da Polonia esquarterada, os da Vendéa submettida, os agitadores das ultimas revoluções, os moços da Joven Italia, e tambem os que iam fazer a revolução de 1848.

Divergentes em politica, dançaram na mesma quadrilha, liberaes, legitimistas e republicanos; os restos quebrados do grande imperio e os filhos dos gloriosos nas guerras de Bonaparte. Todos alli appareceram um momento, uma hora, nas festas, ou á mesa do principe de Monfort, a quem o proprio prestigio e o maior do imperador lhe conquistavam a auctoridade, a sympathia e o respeito, que são egualmente devidos á proscriptão, que o assoberbava e o engrandecia.

Ahi haviam comparecido egualmente:— José Bonaparte, ex-rei da Hespanha, que depois de 1815 adoptára o titulo de conde de Survilliers; sua irmã Elisa, a quem Talleyrand denominava a Semiramis de Lucques, então condessa de Campignano, e que fôra rainha da Etruria; Paulina Bonaparte, «mulher encantadora, quasi ideal²»; e depois outros nomes illustres, que formavam a constellação do primeiro imperio:— a condessa de Camarate, princeza de Bacciocchi, filha de Elisa, já então celebre, porque em Vienna tentára raptar do Schenbrunn o duque de Reichstadt, unico filho de Napoleão; a senhora Gaetano Murat, filha de Méneval, que fôra secretario particular e amigo do imperador (1802 a 1813); a princeza Elisa Poniatowski, viuva do marechal do mesmo nome,³ que morreu no Elster, senhora de voz extraordinaria, que interpetrava com sentida expressão, Rossini, Donizetti, Mercadante, Bellini, que eram então no auge do talento e da voga; alli conversára o almirante russo Tchitchakoff, que fôra enviado por Alexandre para cortar a Napoleão a retirada do Berezina, e o heroico general polaco Wonsowich, que esteve assentado ao lado do imperador no traineau de Moscovo!

Com estes, ás festas do rei Jeronymo acudiam egualmente as familias mais aristocraticas de Florença, os Torrjiani, os Griffio, os Corsini, os Parsi, os Albizi, os Capponi, os Guicciardini, os Martelli; os Cellani.

Sociedade cosmopolita, certamente, mas cheia de ideias generosas e acreditando no futuro, porque era a epoca do romantismo e a das revoluções, em que o espirito humano se avigorou, e em que tudo era novo:— a joven Polonia, a joven Italia, a joven Allemanha, a *jeune France*, e até redivivas as aspirações da familia do illustre corso, que morrêra em Santa Helena.

N'este meio se formou a intelligencia, o pensar, enfim a educação espirital da princeza, não pouco influida do sentimento da arte, de que viveu cercada na sua feliz adolescencia e juventude, então que, *incedens regina deorum*, ella, por sua formosura inegalavel, era a não menor celebridade d'aquella Florença de maravilha, a primeira entre as cidades da Europa por seus preciosos monumentos artisticos, que lhe dão, ainda agora, o nimbo blilhante e melancolico dos deuses do mundo antigo. Quanto ensinamento, revelado pela alteza e poder do espirito humano, lhe não dariam as obras da renascença, que se encontram a cada passo na cidade dos Medicis! Aquelle Perseu de Benevenuto, aquelle rapto das Sabinas, de João de Bolonha, os quadros do Ticiano, e a Mona Lisa de Gioconda, do grande Leonardo de Vinci.

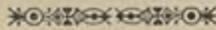
Ah! tudo fôra escola e academia para os seus olhos educados para o bello, para o seu espirito, que mais tarde havia de encantar os homens celebrados, poetas, escriptores e sabios, e até os heroes do seculo em que viveu, e que se foi hontem no desdobraimento da historia, deixando-nos para a saudade e para a reflectão, descobrimentos scientificos e seus gritos e esforços em favor da misera humanidade afflita! O seculo da princeza, o XIX, teve um coração e um cerebro melhor formado que seus irmãos mais velhos, e sobretudo esta fina poeira que se solta da flor do espirito, e forma um arco-iris sobre as tempestades que veem do choce das ideias e dos interes-

ses. Ella viveu um poema, onde, á semelhança d'aquella do Dante, passaram e se mostraram grandes sombras, hoje na penumbra das cousas mortas, e só redivivas pelo poder ideal da alma humana, que sempre se recorda, mesmo quando o feitiço terrestre, a fôrma que as vestia, vae dissolver-se e desaparecer no tumulo.

Os restos de um imperio desaparecido, que grande sombra! O genio extraordinario que o evocára, morto n'uma ilha perdida no meio do mar; sombra ainda maior! Depois aquelles retratos de reis e rainhas, cujas corôas partidas em atomos infinitesimales, compunham ainda a poeira brilhante, que brinca no raio de sol das saudades, e que só o talento do pintor guardou na tela, para lembrança de que as grandezas são tão perduraveis como o perfume das flores ou o sorriso da belleza, que tambem foge, e mais depressa que o vento.

(Continua).

Conde de Valenças.



ZASUBRINA

(De Maximo Gorki)

A fresta circular da minha cellula deitava para um pateo da prisão. Esta fresta estava collocada no alto da parede, mas era accessivel porque eu trepava para cima da mesa, punha-me em bicos de pés, e a minha vista abrangia tudo o que se passava no pateo. No forro do tecto tinham os pombos feito um ninho e apenas eu me dirigia para o meu observatorio fugiam. Dispunha do tempo preciso para, da fresta, travar conhecimento com a gente da prisão, e sabia que o homem mais alegre, que se salientava d'essa massa parda e melancolica, se chamava Zasubrina.

Era elle um gordo e forte rapagão, de testa larga, faces rubicundas, onde scintillavam animados uns grandes olhos claros.

Punha na nuca um *bonet*, e as suas orelhas sobressaíam christosamente da cabeça rapada; andava sempre com a camisa desabotoada, com o casaco sempre aberto e cada movimento dos seus musculos mostrava abertamente a alma que possuira, incapaz de odiar e mesmo de desanimar alguém.

Sempre a rir, era o idolo da cadeia. A multidão parda e compacta dos seus companheiros rodeava-o; divertia-a com as suas facécias mais curiosas, fazendo esquecer com a franca alegria que o caracterisava a vida triste que levava.

Um dia saí da cellula para o passeio regulamentar com tres ratazanas habilmente atrelladas por uns barbantes. Zasubrina guiava-as pelo pateo dizendo que ia de *troika*,—nome que se dá na Suissa a uma carruagem de luxo puxada por tres cavallos.— As ratazanas, aterradas com os gritos que Zasubrina dava, puxavam cada uma para seu lado, e os prisioneiros riam como creanças ao verem esse rapaz gordo puxado por tres roedores.

Zasubrina julgava-se especialmente capaz para divertir os seus semelhantes e com esse fito não desprezou nunca qualquer meio que a isso se prestasse. Muitas vezes o seu genio inventivo levava-o a actos crueis. Assim chegou a collar n'uma parede pelos cabellos um rapazito preso, que adormecêra juncto da cerca. Quando a colla estava bem secca acordou abruptamente a creança que esperneou, agarrou com as mãos magras a cabeça e caiu no chão a soluçar. Os prisioneiros riam das gargalhadas do auctor da proeza. Mais tarde, vi-o da minha fresta, acariciar o pequeno a quem fizera a diabrura.

Além de Zasubrina existia na prisão outro privilegiado, um gatinho ruivo e anafado, meigo, esperto e brincalhão. Logo que os condemnados iam ao passeio, encontravam sempre Michka, em qualquer esconderijo e brincavam durante muito tempo com elle, passando-o de mão em mão, fazendo-o correr e deixando-se arranhar, com as feições animadas por este brinquedo. Apenas o gatinho apparecia em scena, era Zasubrina posto de banda, com o que não ficava nada satisfeito, porque possuia uma alma d'artista e por conseguinte o amor proprio equivalente ao seu valor soffria.

Na occasião em que via o seu publico absorver-se com o gatinho, permanecia sósinho, sentado n'um canto, observando esses companheiros que então o desprezavam. Eu espiava e comprehendia o que se passava na sua alma. Parecia-me cousa assente que Zasubrina dava cabo do gato no primeiro ensejo que se lhe deparasse, e eu condoiame do alegre moço que tão ardentemente desejava ser o alvo da attenção universal. De todos

os desejos do homem, o mais pernicioso é o de querer agradar ás turbas.

Quando se vive n'uma prisão, parece que a propria vida dos cogumellos nos muros nos interessa e arrebatada o espirito; comprehender-se-ha assim, pois, o entusiasmo com que seguia do meu observatorio o pequeno drama que eu em baixo se passava, drama de ciume d'esse homem por um bichano; comprehender-se-ha, pois, repito, a impaciencia com que aguardava o desenlace que breve se realizou.

Por uma bella manha de estio, ainda os forçados estavam dispersos pelo pateo, avistou Zasubrina a um canto um balde cheio de tinta verde, deixado pelos operarios que ajudavam a pintar o tecto da prisão. Acercou-se do balde, e pareceu reflectir: molhou o dedo no conteúdo e tingiu o bigode. Este bigode verde a sobresair d'uma cara vermelha fez rir a bandeiras despregadas todos, e um garotete quiz aproveitar-se da ideia de Zasubrina mas este deu-lhe tamanha bofetada com a mão cheia de tinta que o garoto ficou por um pedaço a mexer a cabeça d'um lado para o outro, sem poder articular palavra enquanto que Zasubrina dançava em redor d'elle e os assistentes riam a bom rir, animando o jogral com todas as exclamações possiveis e imaginaveis.

N'este momento o gato ruivo appareceu. Caminhava devagar, levantava engraçadamente as patas e mexia o rabo. Não temia es-a multidão de gente do meio da qual se destacavam Zasubrin e o garoto que com as palmas das mãos untava o rosto com aquella massa oleosa e gordurenta.

—Camaradas— gritou um— aqui temos o nosso Michka!

—Oh! Michka, maroto!

—Meu bichano!

E assim o iam passando de collo em collo, afaçando-o muito. Com a entrada de Michka afastaram-se de Zasubrina que ficou completamente só, revendo-se no seu bigode pintado a verde e a olhar para os saltos que o gato dava.

Todos á uma queriam satisfazer os menores desejos do bichano e, ora lhe apresentavam as costas, ora se moviam para lhe facilitar a brincadeira. Pareciam muito alegres e riam-se a bom rir.

—Camaradas! pintemos o gato!— lembrou Zasubrina.

Esta voz, propondo um gracejo, parecia implorar.

(Continua)

Henriquez Marques Junior.

HOMENAGEM AO ALMIRANTE BARROSO

COLLOCAÇÃO DE UMA LAPIDE NA CASA ONDE NASCEU

Na *Cronica Occidental* do numero antecedente encontra-se referencia á lapide collocada na casa onde nasceu o Almirante Barroso, gloria da marinha brasileira. Hoje publicando o seu retrato, e o bello instantaneo tirado pelo sr. Antonio Novaes, na occasião de se inaugurar solememente a lapide, cumprenos descrever essa cerimonia e dizer quem foi o bravo almirante.

Francisco Manuel Barroso da Silva, barão do Amazonas, filho de Theodosio Manuel Barroso e D. Antonia Joaquina Barroso da Silva, nasceu em Lisboa a 29 de setembro de 1804 no segundo andar do predio do Chiado, hoje rua Garrett, que tem entrada pela porta n.º 17.

Seguindo a carreira de marinha, sentou praça em 18 de outubro de 1821. Em 1822 encontrava-se no Brazil quando proclamada a independencia e foi incorporado na marinha brasileira onde seguiu seus postos.

Quando em 1865 rebentou a guerra entre o Brazil e o Paraguay e em que por fim teve de entrar a marinha brasileira, Barroso era já capitão de mar e guerra e commandava o corpo de marinheiros imperiaes.

Foi a marinha que decidiu da sorte da guerra, e a batalha naval de Riachuelo foi o completo triumpho para as armas imperiaes.

N'essa batalha era Barroso o chefe do estado maior da esquadra composta de oito navios e sessenta e seis bocas de fogo, que tinha de se bater com oito vapores paraguayos apoiados por seis baterias fluctuantes e pela bateria do Riachuelo, ao todo 76 bocas de fogo.

O navio brasileiro *Jequitinhonha* fôra a pique e o *Parahiba* investido por tres navios inimigos perde oitenta e um homens. Os paraguayos batem-se com bravura. E' então, que Barroso, vendo o perigo que corre a esquadra e commandan-

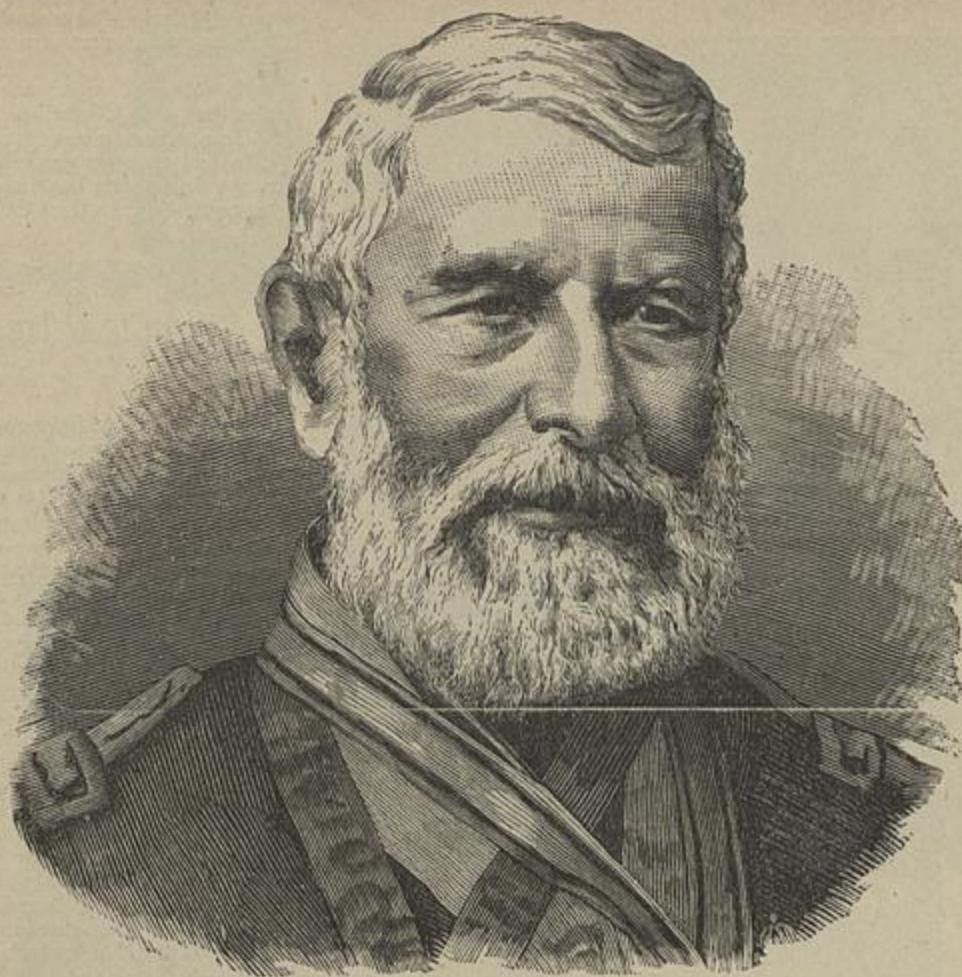
(1) A 22 de julho de 1812, o filho do imperador, saudado ao nascer em 1811 com o titulo de rei de Roma, morria no Schenbrunn, na idade de 21 annos e quatro mezes.

Morreu em Florença em 1844.

(2) Albert Sorel — «Bonaparte et. Hoche», pag. 71, ed. de 1896.

Paulina Bonaparte nasceu em Ajaccio em 1780. Enviuvando do general Leclerc em 1802, casou em 1803 com o principe Camillo Borghese, do qual se separou no anno immediato.

(3) Príncipe José Poniatowski, nascido em 1763 em Varsovia morreu afogado no Elster em 1813. Célebre general polaco, nomeado marechal de França em Leipzig, e por cujo bravura foi cognominado — o «Bayard polaco».



O ALMIRANTE BARROSO

do a segunda divisão das forças navaes, manda içar a bordo do seu navio, *Amazonas*, o signal — *O Brazil espera que cumpram o seu dever*, e sem esperar mais investe com o seu couraçado contra a esquadra inimiga, e mette-lhe a pique tres dos melhores navios, inflingindo-lhe completa derrota.

Esta victoria ficou celebre nos annaes da minha do mundo e immortalizou o nome do Almirante Barroso.

D'aqui lhe veio o titulo de barão do Amazonas, nome do navio em que praticou o heroico feito.

Annos depois o vencedor de Riachuelo cegou, e, quando, por uma feliz operação, recuperou a vista, em 1882, estando em Montevideu, n'esse anno falleceu, a 9 de agosto.

Aqui está o heroe, a quem a commissão de brazileiros, organizada por iniciativa do major sr. Rocha Santos, proprietario do *Jornal do Commercio* de Manaus, e presidida pelo nosso collega e amigo sr. Brito Aranha, mandou collocar uma lapide commemorativa na casa onde nasceu o valoroso almirante.

Essa lapide, solemnemente inaugurada no dia 30 de janeiro, é do theor seguinte :

CASA EM QUE NASCEU

FRANCISCO MANUEL BARROSO DA SILVA

NO DIA 29 DE SETEMBRO DE 1804

EM COMMEMORAÇÃO

DOS ALTOS FEITOS POR ELLE PRATICADOS

NA BATALHA NAVAL DE RIACHUELO

UM GRUPO DE BRAZILEIROS

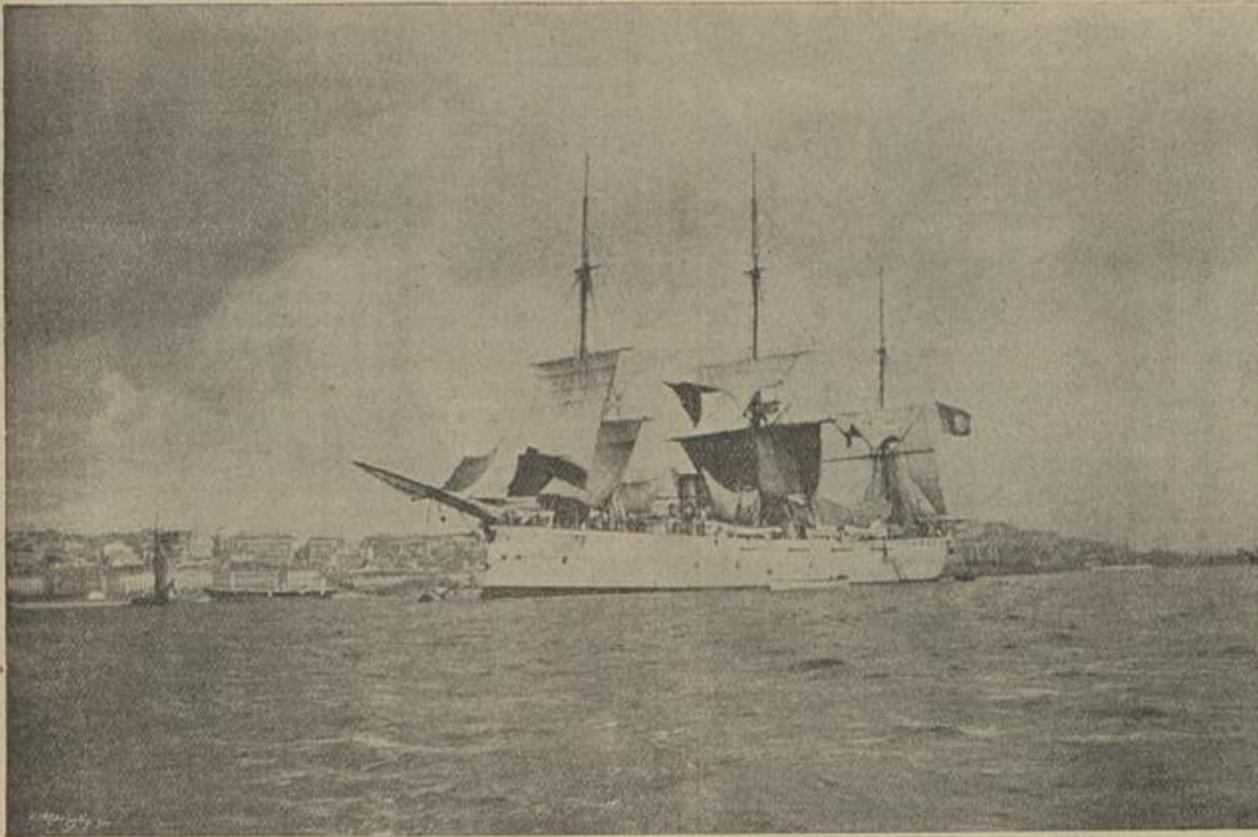
MANDOU COLLOCAR ESTA LAPIDE

A cerimonia assistiu por parte do governo portuguez o sr. ministro dos estrangeiros, conselheiro Wenceslau de Lima, e por parte do governo brasileiro o seu ministro n'esta corte, sr. dr. Al-



INAUGURAÇÃO DA LAPIDE COMMEMORATIVA NA CASA DA RUA GARRET ONDE NASCEU O ALMIRANTE BARROSO

(Instantaneo do sr. A. Novaes)



O CRUZADOS BRAZILEIRO «BENJAMIN CONSTANT» NO TEJO

berto Fialho, e o sr. Silva Pontes, consul geral do Brazil. Mais assistiram ao acto o sr. presidente e secretario da camara municipal; o sr. commandante e officialidade do navio brasileiro *Benjamin Constant*, que se achava no Tejo, tendo o

governo auctorisado o desembarque de uma força d'este navio para com a sua banda vir prestar as honras militares.

Assistiram ainda á cerimonia a commissão promotora d'esta homenagem, governador civil,

o mallogrado Luiz da Silva e de Manuel Cardia a quem consagra algumas linhas.

Julgue-se por tão variada collaboração o quanto se recommenda a sua aquisição e como ella deve ser disputada.

muitos officiaes da marinha portugueza e enorme concurso de povo.

O auto foi depois assignado nos Paços do Concelho.

Bem merecida homenagem foi esta prestada ao glorioso almirante da armada brasileira, que teve por berço a terra de Portugal.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Almanach da Chronica para 1904—E' collaborado este almanach por D. Zulmira de Mello, D. Maria Nery, D. Cacilda Pinto Coelho, Bulhão Pato, Conde de Valença, Justino de Barros Gomes, Guerra Junqueiro, dr. Alfredo da Cunha, Cazimiro Dantas, Albino Forjaz de Sampaio, Luiz da Matta, Heliodoro Salgado, Antonio Nobre, dr. Trindade Coelho, Carlos Ferreira, dr. Sousa Viterbo, Arnaldo Pereira, Brito Aranha, Abel Botelho, Henrique Marques Junior, Candido de Figueiredo, João da Rocha, Manoel Penteado, D. João da Camara, Pedro Pinto, Eduardo Coelho, Eduardo Schwalbach, Zacharias d'Aça, José Sarmiento e Armando de Araujo. De todos os colaboradores insere os retratos bem como do fundador da *Chronica*

LOJA DO LOPES

(Socio-gerente que foi dos Armazens de S. Roque)

Armazem de Fazendas e Modas

LISBOA — 111, 113, RUA DE D. PEDRO V, 115, 117 — LISBOA

ARTIGOS DE RETROZEIRO

MODAS E ATELIER DE MODISTA

espartilhos barba direita, Modelo EVA HUMBERT

Fazem-se tambem de encomenda para o que ha espartilheira para ir tomar medidas e provar a casa das freguezas.

Henrique Bastos — Cirurgião dos hospitaes

DOENÇAS DOS RINS E APPARELHO GENITO-URINARIO

Exame endoscopico da urethra e beziga.

Colheita de urina de cada um dos rins

CONSULTAS | Senhoras — ás 10 horas da manhã

Homens — ás 3 da tarde

LISBOA — Largo da Annunciada, 9 — LISBOA

Guilherme da Silva Spratley & C.^a

Antiga casa A. Augusto da Silva, Successores

FUNDADA EM 1840

Vinhos do Porto e outras qualidades para consumo e exportação

ESCRITORIO

162 — Rua do Arsenal — 164 — LISBOA

BERLITZ SCHOOL

LINGUAS VIVAS

Lisboa

Porto

Coimbra

Rua do Alecrim

Largo dos Loyos

Vianna

20 A.

14

Braga

Ensino pratico por professores estrangeiros

SERTORIO A. S. CORTE REAL

SOLICITADOR ENCARTADO

LISBOA — Rua dos Retrozeiros, 149, 2.º

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras

R. do Alecrim, 444, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA

Alfredo Rebello

CIRURGIÃO DENTISTA

Diplomado pela Escola Medico-Cirurgica de Lisboa

Dentaduras artificiaes, em ouro, caoutchou, etc., pelos systemas mais aperfeiçoados. Extracções de dentes sem dor. Elixir Odontologico «REBELLO».

Consultas todos os dias das 9 ás 5 da tarde

39. 1.º — POÇO DO BORRATEM, — 39 1.º

Em frente da Rua da Bitesga — LISBOA

PRATOS

Para ornamentação

De casas de jantar, o que ha de mais raro e bom, na China e Japão, acaba de chegar ao **Mandarim Chinez** colossal sortido; vê e admirar a enormissima variedade, e sem duvida o melhor brinde pela raridade e originalidade.

Barateza sem igual só no

MANDARIM CHINEZ

143, Rua Augusta, 145 — LISBOA

PATISSERIE INTERNATIONALE

PORTO & COM.^{TA}

53, Avenida da Liberdade, 53 — Lisboa

BROAS

Fabrico em broas de milho, especie e as formosas broas á Castellar

Grande variedade em artigos de Pastellaria, confeitaria e conservaria, e um sem numero de objectos proprios para brindes de annos e festas, sendo alguns de verdadeira novidade. Serviço permanente de chá, café e chocolate.

Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.^a

Rua de S. Paulo, 216, 2.º — LISBOA

N.º telephonico 829

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.